



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

"SER OU NÃO SER FAVELA": ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS DE LIDERANÇAS
DA FAVELA DE VILA PRUDENTE

Kassia Bobadilla (UNIFESP) - kabeatriz@gmail.com

Gestora de Políticas Públicas, com especialização em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas e Mestra em Ciências Sociais

André Delfino (Movimento de Defesa do Favelado) Educador Social do Movimento de Defesa do Favelado e Gerente da ONG Arca do Crescer. *Possui experiência em educação de base e mobilização social em favelas.*



"SER OU NÃO SER FAVELA": ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS DE LIDERANÇAS DA FAVELA DE VILA PRUDENTE

RESUMO: O presente artigo busca debater os usos políticos e identitários que permeiam o termo "favela", a partir das representações e discursos de diferentes lideranças comunitárias e organizações que atuam no cotidiano da Favela de Vila Prudente, localizada na zona leste de São Paulo e tida como a favela mais antiga da cidade, conforme reiterado por esses próprios interlocutores. As práticas cotidianas e representações que delineiam esse território são relevantes de serem pensadas, pois essas são acionadas nos discursos de representantes de organizações e lideranças comunitárias que buscam apropriar-se dessas relações e memórias que permeiam a favela para assim articular e potencializar suas atuações. Nessa perspectiva, a favela configura-se como espaço político, ou lugar da política praticada, mediante dois processos concomitantes. Primeiro, pelas práticas engendradas no território por lideranças e organizações, as quais entrelaçam seus agires políticos com domínios próprios no território. Segundamente, pelas representações e signos que o território da favela, e essa própria terminologia, adquire nos discursos desses atores, sobretudo, para legitimar suas respectivas atuações e pautar intervenções que atendam às necessidades dos moradores em diferentes contextos históricos.

Palavras-chave: favela. identidade. lideranças comunitárias

ST-5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos



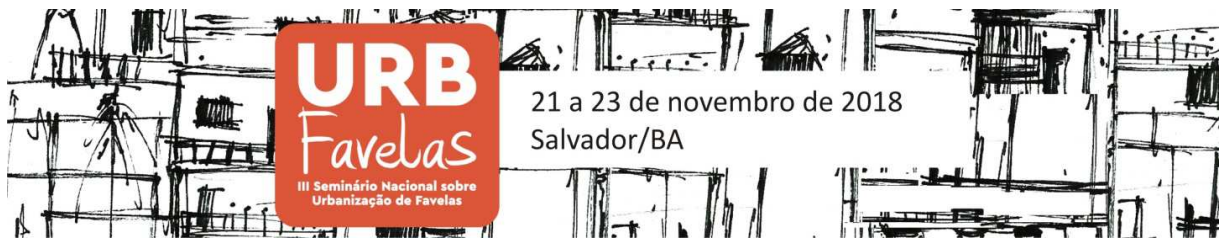
1. INTRODUÇÃO

As favelas estampam as páginas de noticiários e o imaginário social a partir de interpretações que as concebem como lugar da pobreza, da precariedade, do “descaso do Estado”, além de outras concepções que as veem sob o signo da “ausência”. O lugar dos pobres, o lugar à margem da sociedade.

Na fala de importantes interlocutores da Favela de Vila Prudente, lideranças comunitárias que ali atuam, tais concepções não deixam de ser evocadas, principalmente em seus discursos públicos; porém, estes também as problematizam por essencializarem o território e os moradores da favela por representações tidas como negativas. Se num primeiro momento essa díade e dualidade presentes nos discursos sobre a favela mostram-se contraditórias, logo nota-se que essas configuram-se como marcadores identitários e de identificação política entre os moradores, e que são mobilizados de formas distintas perante espaços e públicos também distintos.

Fazendo aqui uma breve analogia às categorias de “espaço” e “lugar” de DeCerteau (2013), em que o primeiro se refere a uma ordem topográfica estável e o segundo ao “espaço” praticado por meio da ação dos sujeitos; procuro analisar quais processos e ações estão em curso no “espaço” da favela e que fazem com que esta seja tida como “lugar” da história, da política e de tantos outros sentidos atribuídos por seus moradores

Como um dos principais marcadores mobilizado nesses discursos está a historicidade da Favela de Vila Prudente, a qual é apontada como uma das favelas mais antigas da cidade de São Paulo. Além dessa, as vivências e experiências que moradores compartilham nesse espaço também são acionadas como formas de produzir processos de identificação e de mobilização para ações coletivas. Sendo assim, ocorrem de maneira concomitante um processo de apropriação e reificação do espaço da favela a partir das práticas cotidianas dos moradores, que também são apropriadas por lideranças em seus discursos e formas de “fazer política” nesse lugar específico. “Ser ou não ser favela”, ou seja, acionar ou não esse termo histórico e político em seus discursos públicos é um ponto de destaque importante entre esses diversos e distintos repertórios e práticas políticas das lideranças da favela.



No presente artigo, buscamos então explorar como articulam-se essas dimensões das práticas e discursos de lideranças da Favela de Vila Prudente, que fazem desse território um espaço da política praticada por distintos grupos e organizações. Primeiramente, procuramos reconstituir alguns traçados temporais e das relações de sociabilidade presentes nesse território, explorando posteriormente como esses são acionados nos discursos e práticas políticas.

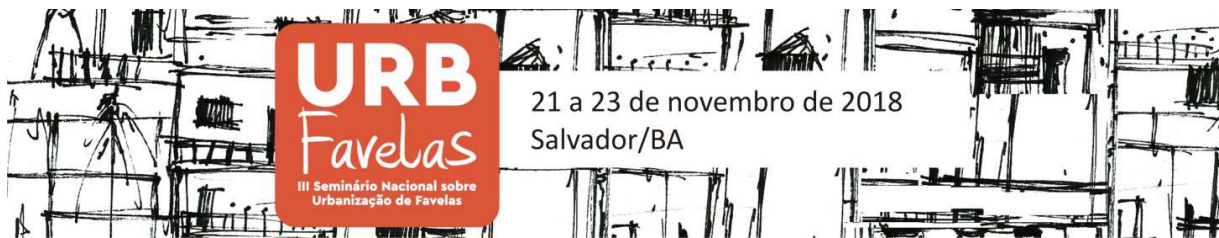
2. TEMPOS E ESPAÇOS NA FAVELA DE VILA PRUDENTE

A gente vive na favela mais antiga de São Paulo, e eu falo que tudo que conseguimos aqui foi à base de muita *luta*. (Entrevista de Wilsinho [presidente da Associação de Moradores da Favela de Vila Prudente] – 03/09/2015)

(...) E tudo isso vem de um processo histórico em que aqui se discutiu mutirão, construção da creche. É um espaço que ferve *política* nesse sentido, de *ação política* mesmo. (Entrevista de Josué [Movimento de Defesa do Favelado] – 13/04/2014)

As narrativas das lideranças comunitárias da favela iniciam-se sempre de forma semelhante. Remetem-se à historicidade da presença dessa favela no meio urbano, “a mais antiga” de São Paulo, quase que um “adjetivo” que lhe é indissociável. Essa poderia ser vista como a “invenção de uma tradição” que, conforme discorre Hobsbawm (1984), caracteriza-se como um meio de formalização e ritualização sempre se referindo ao passado, impondo repetição. O autor assim mostra que há algumas situações em que as tradições são parte inventadas, parte desenvolvidas em grupos fechados ou realizadas de modo informal em determinado ambiente aberto e se perpetuam.

Não obstante, mais do que criação ou invenção da tradição, aqui se nota o exercício de uma função fabuladora dos pobres, nos termos de Deleuze (1985), tal qual explicita Paterniani (2013), “o que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade que é sempre a dos dominantes ou dos colonizadores, é a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que fazdeste uma memória, uma lenda, um monstro”.(PATERNIANI, 2013, p.172). Nessa memória da favela construída por lideranças e moradores residiria uma prática de fabulação poderosa: a de constituir-se como sujeito político coletivo e ativo.



Valendo-se dessas narrativas, não nos foi difícil buscar em documentos e jornais da época registros e notícias que confirmassem a existência dessa favela no período de surgimento dos primeiros núcleos de favela em São Paulo. Esse processo data de 1940, mediante o agravamento da crise da habitação na cidade e como consequência dos despejos, da forte urbanização e da falta de alternativas habitacionais (BONDUKI, 2004). Até a década de 1950, a população favelada representava menos de 1% (5.790 pessoas) da população da cidade (idem, 1994), e conforme mostram as pesquisas de Kowarick (2009) e Pasternak Taschner (2001), os núcleos de favela existentes na cidade eram: a favela do Oratório no bairro da Mooca, a favela da rua Guaicurus na Lapa, a favela do Ibirapuera na zona sul, a favela Ordem e Progresso na Barra Funda, a favela do Vergueiro na Vila Mariana, e por fim, a favela da Vila Prudente no bairro de mesmo nome.

O senhor Manoel Espíndola, então presidente da Associação de Moradores e um dos mais antigos moradores da favela, em entrevista concedida na década de 1980, corroborou com essas evidências ao narrar o deslocamento espacial e fixação da favela na região de Vila Prudente:

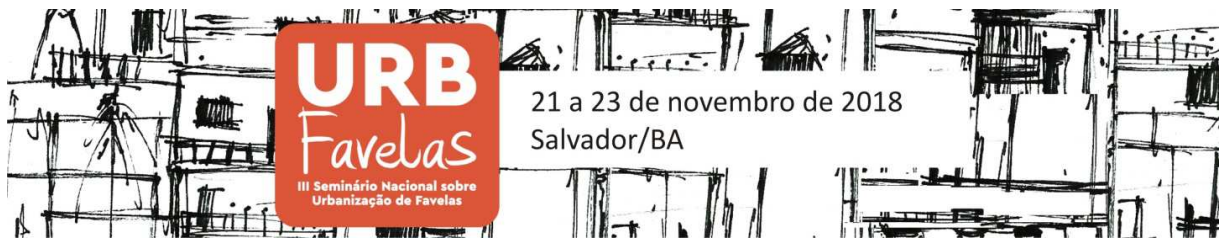
A favela da Vila Prudente tem a sua história. Ela é a mais antiga de São Paulo. Existe desde 1940, mas não neste local atual. Originalmente assentada na região do Cambuci, onde estão os prédios do Exército, deslocou-se para essa área de propriedade do Estado em 1941. (...) (ESPÍNDOLA, Manoel Francisco. “A favela foi a maior das minhas escolas.”) (SÃO PAULO (Governo do Estado), 1983 apud LARA, 2012, p.160).

O terreno pertencia à antiga Superintendência dos Serviços do Café, e a partir de uma ocupação de migrantes recém-chegados à capital e de moradores despejados de outras regiões centrais, ali se ergueu a favela.

Quando eu cheguei aqui a maior parte era brejo, e era um terreno invadido que se chamava ‘Rainha do Café’. [Depoimento de Wilsinho, presidente da Associação de Moradores, para o “Doc Sou Favela”¹]

O terreno existe desde 1949, e aqui era pântano. Não existia iluminação, não existia saneamento básico. As pessoas que moravam aqui nesse terreno, pra falar sinceramente, tinham uma vida precária, mas eram felizes. [Depoimento de Elisa,

¹ Os depoimentos e falas aqui transcritos integram o “Doc Sou Favela” produzido e editado pelo coletivo EcoInformação, e que visa contar parte da história da Favela de Vila Prudente. Para isso foram realizadas diversas entrevistas com moradores e atores importantes para a favela.



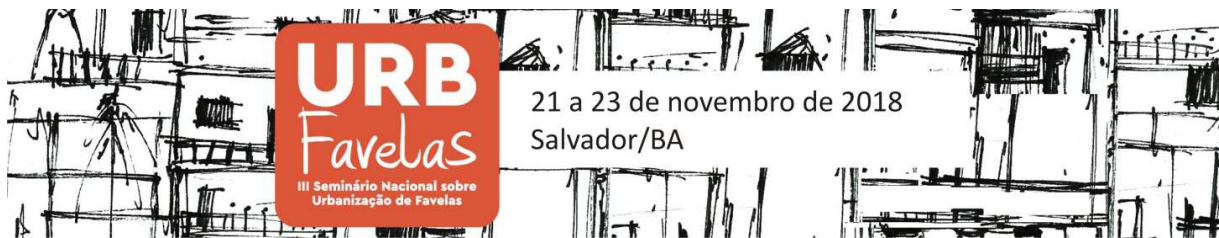
moradora da favela e secretária da Associação de Moradores, para o EcoInformação, acervo]

Ao conversar com as famílias e moradores mais antigos da favela, as falas iniciam-se sempre da mesma maneira: “aqui era um matagal que só”, “quando eu cheguei aqui não tinha nada, só mato”. Essas narrativas assemelham-se àquelas que diversos pesquisadores, mas principalmente Telles e Cabanes (2006), também identificaram entre moradores que se estabeleceram nas periferias durante a década de 1970. Os autores veem essas “epopeias urbanas” e histórias contadas como evidências de vidas que foram construídas sob o signo do “progresso”, em que acontecimentos biográficos e familiares estão, ou parecem estar, em sincronia com o tempo social da urbanização (TELLES, 2006, p. 78).

Esses diversos migrantes que foram se fixando no terreno da favela buscavam fugir dos preços inflados do aluguel em São Paulo, e viam a possibilidade de residirem em ocupações irregulares como um meio de se estabelecer temporariamente na cidade. O não pagamento do aluguel era o principal atrativo para essa população migrante e despejada de outras favelas. A maioria era proveniente de estados como Pernambuco, Alagoas, Ceará e Bahia; mas também houve um afluxo de famílias oriundas do interior de São Paulo e Minas Gerais.

Ora procurando fugir da seca e dos infortúnios de suas condições de vida no local de origem, ora “aventurando-se” e tentando a vida na grande metrópole, esses migrantes apoiavam-se em laços de parentesco e de amizade para conseguir “sobreviver” em São Paulo. Nas histórias contadas pelos entrevistados no “Doc Sou Favela”, essas relações são expressas como “meu pai tinha um compadre que já morava aqui” ou “tinha um tio meu que veio primeiro”. Como mostrou Durham (2004) ao estudar os migrantes rurais, “a família e o grupo de parentes constituem ainda o grupo assistencial por excelência, e se apresentam como indispensáveis inclusive à segurança econômica dos indivíduos” (DURHAM, 2004, p.199).

Com esse afluxo denso de pessoas, a proliferação de barracos chamava atenção da mídia e criava suspeitas no imaginário das classes mais abastadas. Vistas como territórios de concentração da pobreza, a condenação das favelas se deu de forma mais intensa quando as estratégias higienistas passaram a vigorar nas grandes metrópoles. Apesar de serem poucas na



década de 1950, junto dos cortiços, as favelas passaram a ser vistas como formas de habitação insalubre e fétida. Somada a essa visão, está a associação histórica entre pobreza e criminalidade, na qual ações modernizadoras e higienistas se pautariam sob a ideia de produção e existência de “desajustados sociais” nessas formas de moradia.

As condições de vida das classes pobres passaram a ser vistas como produtoras de malefícios para a sociedade em geral, e seus espaços de moradia constituiriam um território ameaçador, habitado por pessoas perigosas e com potencialidade de se tornarem “malfeitores” (CHALHOUB, 2006). Ideias que perpetuam até hoje no imaginário das classes mais abastadas, e que corrobora com as campanhas de eliminação das favelas, por exemplo. Houve assim uma grande veiculação de notícias nos principais jornais da época que se referiam à favela de Vila Prudente como problema e um perigo urbano iminente, entre as quais reproduzo aqui:

GRANDE É O NÚMERO DE FAMÍLIAS QUE VIVEM DESAJUSTADAMENTE NAS FAVELAS DA CAPITAL – RETIRANTES NORDESTINOS

(...) A favela não é o que muita gente diz e pensa. Não é reduto de malandro ou valhacouto de ladrões. É o refúgio de gente pobre. De homens desajustados, de gente que vendeu tudo o que tinha na sua terra e que veio a São Paulo em busca de riqueza encontrando na favela a reprodução fatalista de seu antigo mocambo. Em sua maioria, os habitantes da favela são nordestinos. Do número estimado de cinco mil favelados, pelo nosso cálculo três mil são procedentes do chamado polígono da seca; estão em São Paulo, a menos de cinco anos. Esses elementos são encontrados principalmente nas favelas de Vila Prudente. (Folha da Manhã, 30/05/1954).

ASCENDE A 15 MIL O NÚMERO DE FAVELADOS EM SÃO PAULO

A favela, que ainda não é o problema social em nossa cidade, poderá desenvolver-se a tal ponto (suas populações estão crescendo) que será muito difícil fazê-las desaparecer em curto espaço de tempo (...) As favelas, em São Paulo, embora numerosas (...), não chegando a constituir um problema tão angustiante como no Rio (...). Entretanto, com o êxodo rural e nordestino e com as difíceis condições de vida, São Paulo já corre o risco de ver agravado este problema, pois as populações faveladas, (...) aumentam continuamente. (Folha da Noite, 20/10/1957).

O problema dos pobres e da pobreza na cidade recaía sobre a favela e seus moradores, os ditos *favelados*. Ainda longe de serem vistos como cidadãos, esses “elementos”, como assim se refere a primeira notícia, seriam marcados e estigmatizados por sua origem, predominantemente nordestina, e pelas condições de vida e suas habitações na cidade.



Em 1955, é fundada a Associação Sociedade Amigos da Favela de Vila Prudente, justamente como reação a um grande despejo ocorrido em anos anteriores e numa tentativa de articular as demandas dos moradores por melhores condições de vida. A placa de fundação ainda perdura na entrada da Associação², demarcando sua longevidade e presença na favela.

Imagem 1 - Fachada da Associação de Moradores da Favela de Vila Prudente



Fonte: Registro da autora

Internamente, a Favela de Vila Prudente passou a ser constituída e organizada a partir da origem dos moradores e de suas relações de parentesco. Josué, de origem pernambucana, conta que seus familiares, por exemplo, “moravam todos ali no beco próximo ao ponto de ônibus da Dianópolis e eram eles que cuidavam do forró na favela”. Sendo assim, o exercício de algumas atividades comerciais e profissionais, além da provisão de alguns serviços, também foram tornando-se especializados e conferidos a determinados grupos de origem.

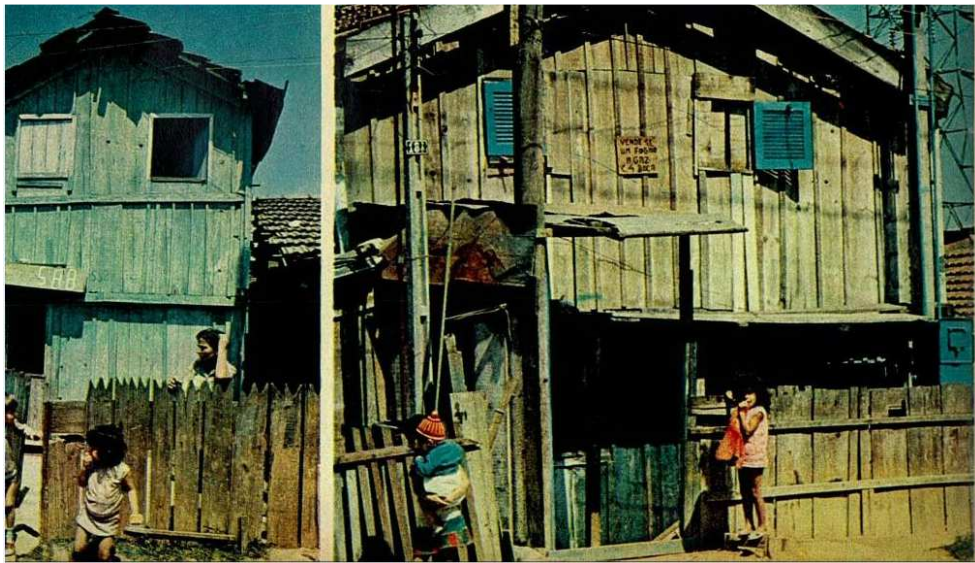
Os “puxadinhos” entre os barracos de madeira eram erguidos acima ou ao lado para abrigar os parentes e conterrâneos recém-chegados. Até hoje em dia, agora nas casas de alvenaria, muitas dessas práticas e costumes mantêm-se. Como comentam muitas das lideranças da favela, hoje, “a favela continua crescendo, mas para cima, é só ver quando algum filho casa”. Desmitificando a ideia de desorganização, em matéria da revista *Veja*, da década de 1970, sob o título de “As favelas sem fama”, a Favela de Vila Prudente é retratada

²A Sociedade Amigos da Favela da Vila Prudente é conhecida e citada pelos moradores meramente como “Associação” ou “Sede”; neste último caso, em referência ao espaço em que se encontra a Associação. Utilizarei essas denominações ao longo do texto para referir-me a essa organização também.



como local de “ordem” e de comércio próspero, que se constituía “à parte” da cidade, “com vida própria”. As fotos abaixo, também revelam a predominância das casas feitas de madeira e das habitações autoconstruídas de dois andares.

Imagem 2 - Casas de madeira na favela, década de 1970.



Fonte: Acervo do MDF

Uma das primeiras conquistas da Sociedade Amigos da Favela de Vila Prudente foi a instalação de pontos coletivos de distribuição de água na favela, ainda no final da década de 1960.

E outra coisa que eu lembro também, sobre a água. A gente pegava água na cabeça. Aqui, saindo daqui na rua da Igreja, tinham as torneiras. Duas torneiras aqui, duas lá embaixo e duas lá em cima na rua da frente. Então a gente tinha aqueles tambores grandes e aí a gente enchia. Eu mesma cansei de encher para as vizinhas para ganhar um dinheiro. Mas até pra gente novinha, aquilo era um divertimento. E quando faltava água aqui, a gente ia buscar nos postos de gasolina [Depoimento de Denise, moradora da favela há mais de trinta anos, para o “Doc Sou Favela”]

As idas e vindas com latas e baldes d’água na cabeça em meio às filas das torneiras são passagens na vida de muitas mulheres e tornaram-se histórias repletas de “causos”, de brigas, de amizades constituídas durante as longas horas de espera, além de refletirem a precariedade em que viviam.

A torneira parece conter uma presença significativa nas memórias de muitos moradores da favela, por ter sido parte constitutiva de suas tarefas e atividades cotidianas por



ao menos duas décadas. A instalação da torneira também acentuou o fortalecimento de coletividades naquele território, uma vez que os moradores, sobretudo mulheres e crianças, passaram a compartilhar dessa mesma experiência da coleta de água cotidianamente. Hoje, um desses primeiros pontos coletivos de distribuição de água, localizado na Rua da Igreja, ainda tem preservada a estrutura da torneira que abastecia os moradores na época.

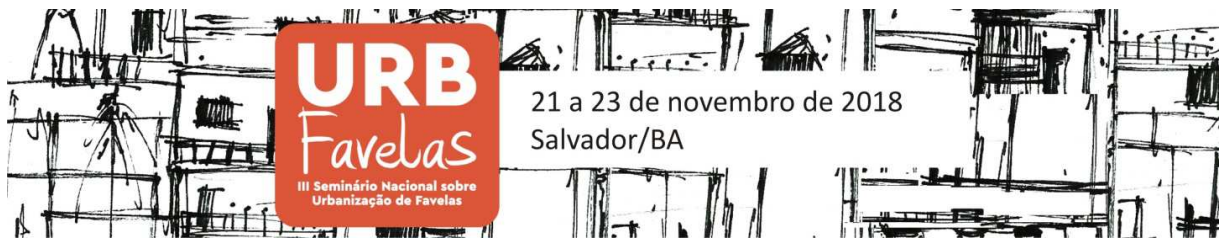
Somente a mera estrutura de uma antiga torneira para alguém de fora da favela como eu, mas que possui um significado simbólico bastante expressivo para os moradores. Nesse aspecto, Halbwachs (2003) discorre que “cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade” (HALBWACHS, 2003, p.148). Esse acionamento recorrente de tal episódio das torneiras na memória coletiva dos moradores levou o Coletivo EcoInformação a reconstituir em suas telas de *grafitti* uma dessas torneiras coletivas, conforme as histórias narradas por algumas moradoras.

Imagem 3 - Tela de grafitti “Torneira”, produzida pelos jovens do Coletivo EcoInformação



Fonte: Coletivo EcoInformação

As tentativas de remoção e desfavelamento continuaram nas décadas seguintes. A figura de Jânio Quadros tornou-se emblemática em muitas dessas tentativas, durante as gestões do político como prefeito de São Paulo (1953-1955 e 1986-1989) e no comando do



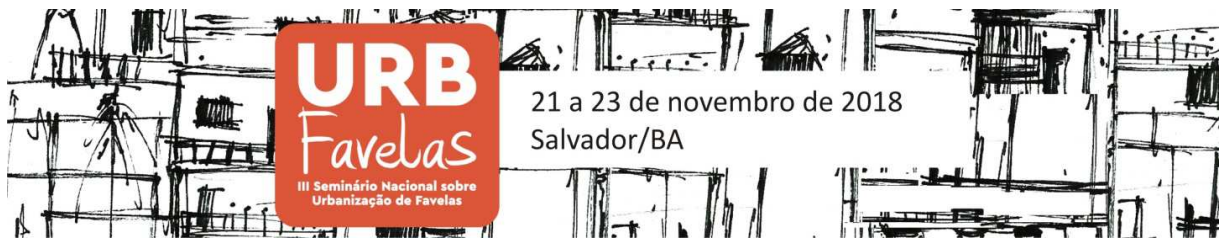
governo do estado (1955-1959). “A época do Jânio” é então rememorada na fala de lideranças e moradores para se referirem a esses períodos de tempo em que afloravam anseios e incertezas quanto ao futuro da favela e que os levaram a participar de atos e manifestações contra a remoção.

Quem aqui lembra na época do Jânio, quando a gente pegou os ônibus para ir pra Brasília brigar para não tirarem a favela? Viajamos muitas horas até lá e conseguimos [Fala de Zezão, ex-morador da favela durante reunião sobre as obras do monotrilho]

A presença histórica de missionários religiosos ligados à Teologia da Libertação também marcou intensamente a vida dos moradores dessa favela. Além dos projetos e obras sociais desenvolvidos, esses padres e freiras pautaram muito do cotidiano e das relações na favela. Um dos times de futebol de várzea da Favela de Vila Prudente, por exemplo, teve seu nome sugerido por uma freira francesa que trabalhava na favela na década de 1960. De diversas nacionalidades, esses missionários, ainda atuantes na favela, compartilham o ímpeto em trabalhar com os mais pobres e “menos favorecidos”; diretrizes de um reordenamento da Igreja Católica que reafirmava seu compromisso com as classes populares. Nas metrópoles brasileiras, esse redirecionamento implicou numa proliferação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nas periferias da cidade durante as décadas de 1970 e 80 (SADER, 1988). Além de influenciar no surgimento e luta de diversos movimentos sociais urbanos (DOIMO, 1995), a exemplo do próprio Movimento de Defesa do Favelado (MDF), que atua em favelas da região da zona leste de São Paulo há mais de 40 anos.

As obras de canalização do esgoto na favela ocorreram no início da década de 1980, e foram realizadas por meio de um mutirão com ampla participação dos moradores. Os créditos e méritos quanto a execução e autoria das obras são motivo de disputas entre alguns grupos na favela, como pretenderei abordar nos capítulos seguintes. O financiamento das obras veio de repasses internacionais angariados pelo padre irlandês Patrick Clarke, coordenador e fundador do MDF, e também teve o apoio do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Vila Prudente que disponibilizou alguns materiais para a execução das obras.

Com a finalização da obra do esgoto, seguiram-se os mutirões pela construção do salão do povo, do centro pastoral, de uma casa de cultura e da creche comunitária. As obras da creche comunitária contaram com uma sólida participação de todos os moradores,



incluindo também mulheres e crianças. Nesse caso, as mulheres contam ter participado mais diretamente, pois se viam como parte constituinte do processo e também como principais beneficiadas com a construção da creche.

Na época dos 'mutirão' nem que fosse fazer um almoço ou levar água para os homens, a gente fazia. Quando veio a creche, a gente também ajudou a carregar areia, era tudo para os nossos filhos, né. [Depoimento de Denise, moradora da favela há mais de trinta anos, para o "Doc Sou Favela"]

Essas experiências mobilizatórias habitam a memória coletiva desse grupo (moradores da favela) e desse espaço circunscrito (a favela), no entanto, o quadro interpretativo sobre esses processos torna-se bastante distinto entre os moradores. Se para as lideranças comunitárias, sobretudo as ligadas ao MDF, isso simbolizou uma forma de protagonismo e exercício da participação social dos favelados, na linha do que Dagnino (1994) denomina como "uma nova noção de cidadania" que viria "de baixo para cima", para muitos moradores essas experiências dos mutirões são atribuídas como algo ligado ao "trabalho do Padre Patrick" ou até como uma iniciativa pontual. Trechos dos depoimentos coletados por Feltran (2005) a respeito da atuação do MDF na Favela de Vila Prudente e do documentário sobre a favela exemplificam essas distintas concepções:

Tudo que nós temos aqui hoje, de melhoria, agradeço a Deus em primeiro lugar e em segundo a ele [o Pe. Patrick]. Aqui não tinha esgoto, outras coisas mais... através do Patrick nós temos. O Patrick reunia para fazer esgoto, a gente fez. [Depoimento de D. Zezé] (FELTRAN, 2005, p. 234)

Pra mim uma figura importante na favela é o Padre Patrick, se não fosse ele, até hoje a gente não teria tanta coisa aqui, nem o esgoto. [Depoimento de Clóvis, morador e artista circense, para o "Doc Sou Favela"]

A organização usou tudo o que aparecia... em vez da gente chegar com um projeto, a gente assimilou aquilo que a gente encontrou... colocava as perguntas, e eles mesmos voltaram com as respostas e se abriram à possibilidade de outros caminhos. É por isso que as coisas aconteceram, o esgoto aconteceu, depois a creche... tudo o que aconteceu aqui dentro foi nesse caminho. [...] Claro que para o povo as conquistas imediatas, materiais, são importantes, né? Não se vive só de especulação. Mas eu acho que o próprio jeito de se juntar essas duas coisas [participação política e conquista material] do qual saiu o que saiu, é a conquista maior. [Depoimento de Patrick] (FELTRAN, 2005, p. 235)

Esses contrapontos são importantes de serem pensados afim de se refletir como articulam-se memória coletiva e memória individual sobre as experiências desse grupo no espaço da favela. Nesses termos Halbwachs (2003) analisa que:



Se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. (...) De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2003, p. 69)

Mayol (2013) ao discorrer sobre a arte do morar e a prática do bairro vê esse como um objeto de consumo e lugar de reconhecimento, em que o usuário se apropriaria de conhecimentos, relações e serviços que ali estão disponíveis; e conseqüentemente, acumularia e combinaria formas de exercício da prática do bairro. Nesse sentido, laços sociais, memórias, territorialidades e pertencimentos podem ser indicados como alguns dos processos em curso na favela, aqui lida sob a categoria de bairro, e dos quais seus moradores se apropriariam e reconheceriam em seu cotidiano.

Ampliando a mera noção de vizinhança que entrelaçaria essa experiência coletiva dos moradores da favela, o conceito de vicinalidade parece mais apropriado para exprimir tais relações, uma vez que:

por oposição a vizinhança, descreve uma proximidade aberta entre espaços de morada. Vicinalidades não são vizinhanças, zonas territorialmente demarcadas; são processos de aproximação territorial constitutiva. (...) Como categoria analítica, portanto, o conceito de “vicinalidade” assume que os espaços de morada (casas, domicílios, tendas, etc.) tendem a se agregar territorialmente segundo lógicas plurais (p.ex., amizade, homonímia, interesse político, geração, afinidade, matrilateralidade, etc.), formando assim conglomerados abertos com importantes implicações para a ação social, que coexistem e interagem com outras formas mais instituídas de agrupamento (tais como aldeias, linhagens, partidos, etnicidade, classes etárias, etc.) sem nelas se dissolverem. (PINA-CABRAL; GODOI, 2014, p. 12)

As proximidades espaciais que o conceito de vicinalidade convoca podem ser vistas como formas de prolongar a mera ideia de morada, criando locais de vida, experiência e identidade.

Atualmente, o *Favelão* possui cerca de 8.000 moradores³ e pouco mais de 2.600 imóveis⁴. Abrangendo uma área de 38.241m², encontra-se dividido em sete regiões, a partir de

³Com base em informações da Coordenadoria de Habitação da Subprefeitura de Vila Prudente e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. Fonte:



suas ruas principais: Rua da Linha, Rua da Igreja, Rua da Frente (Dianópolis), Anhaia Mello, Rua da Light, Região da Creche e Região do Coroado.

Apesar da região de Vila Prudente já ter sido considerada como parte da periferia da cidade entre as décadas de 1980 e 1990, duas décadas depois, o bairro apresenta uma infraestrutura urbana que tem atraído e mantido muitas famílias de classe média e classe média alta. Tem sido visível a proliferação de empreendimentos imobiliários luxuosos na região de Vila Prudente e principalmente nos arredores da favela; os quais emergem como verdadeiros enclaves fortificados, cerceados por um forte esquema de segurança realizado por empresas particulares (CALDEIRA, 2000).

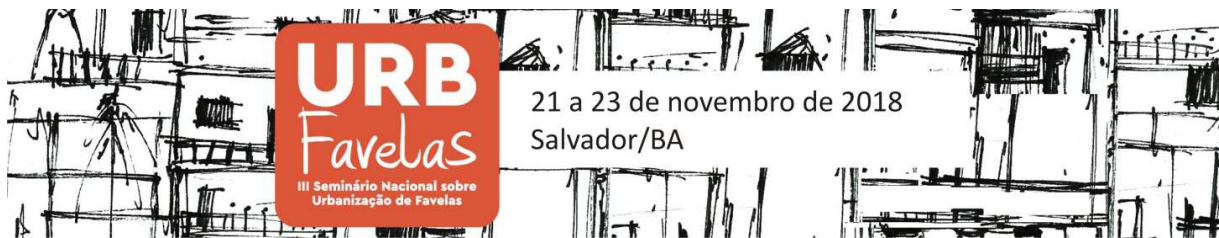
Com a expansão da Linha 2 – Verde do Metrô de São Paulo, em 2011, foram inauguradas as estações Tamanduateí e Vila Prudente. A chegada do metrô ao bairro atraiu diversos investimentos na região como faculdades, lanchonetes, bares e empresas. Com uma privilegiada localização, de fácil acesso às principais vias e opções diversificadas de transporte público, a Vila Prudente tem sentido os efeitos da famigerada especulação imobiliária. São essas transformações na região que têm promovido uma branda expulsão de famílias e indivíduos mais pobres, que aparece com frequência nas falas dos moradores da favela sob o discurso de “não dá mais, tá ficando tudo muito caro por aqui, até o aluguel na favela”. Josué, liderança do MDF e morador da favela, elabora de forma mais capciosa essa situação:

Eu sempre digo que *o pessoal da Vila* [Prudente] deveria agradecer à favela por ela continuar aqui, porque a favela cumpre uma ‘função social’ de segurar o preço do imóvel e do aluguel no bairro. Porque se o metro quadrado está seis mil reais aqui, imagina se não existisse a favela, os preços estariam nas alturas [Josué]

As fronteiras entre a favela e o bairro de Vila Prudente tornam-se visíveis a partir da arquitetura e estética que demarcam essas nuances do espaço urbano. Apesar dessas, cabe ressaltar que os imóveis da favela margeiam todas suas ruas adjacentes, não havendo um cerceamento das moradias dos *favelados* no contato com o bairro, como por exemplo, por muros, grades e casas da favela contrapostas às ruas. Não obstante, o fato da Favela de Vila

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/arquivos/mvc/mvc-habitacao-z/mvc-habitacao-z.pdf

⁴Com base no número de títulos de posse entregues aos moradores entre 2004 e 2012.



Prudente possuir o mesmo nome que o bairro não impede que ocorram processos de diferenciação entre os reconhecidos como moradores do *Favelão* e aqueles que são da *Vila*; mostrando como a designação “vila” e “favela” são notórias nessa distinção entre os moradores da região.

3. DISPUTAS EM TORNO DO TERMO “FAVELA”

Menina, a gente [do MDF] quase apanhou. Chegamos numa favela lá do São Lucas e nos apresentamos, aí umas mulheres começaram a brigar com a gente falando que estávamos xingando elas de faveladas. O chicote estalou pra nós. [Relato de Josenilda, liderança do MDF e moradora da favela – 12/04/2015]

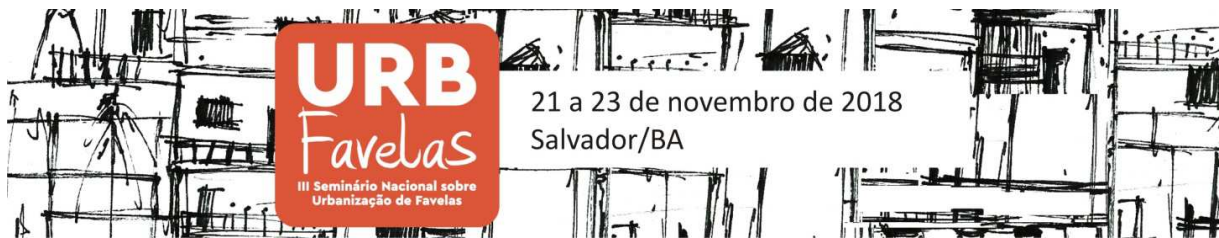
Agora a Associação funciona diferente, até porque a gente não é mais favela, agora nós somos comunidade. A gente era favela, mas agora todas as casas são de alvenaria. [Entrevista de Wilsinho, presidente da Associação de Moradores – 03/09/2015]

Desde o início da pesquisa⁵, as tensões e contradições em torno das categorias *favela* e *favelado* mostraram-se presentes nas falas e discursos dos interlocutores da Favela de Vila Prudente. No tocante ao uso do termo “periferia”, como presente em muitas pesquisas etnográficas realizadas em São Paulo, este léxico foi poucas vezes utilizado. A localização privilegiada da Favela de Vila Prudente em um bairro majoritariamente de classe média alta era reconhecida, demarcava suas singularidades e repercutia nas falas nativas. Dessa forma, a noção de “centro” e “periferia”, sobretudo essa relação dual, não seriam essencialmente evocadas no contexto e experiência urbana desses moradores.

Nessa ausência do uso do termo “periferia” para referirem-se à Favela de Vila Prudente, em contraponto e distinção com diversas outras favelas localizadas em bairros mais distantes, como São Mateus e Sapopemba, haveria também uma conotação estrategicamente política de reiterar o uso do termo “favela” entre muitas lideranças, especialmente àquelas ligadas ao MDF.

Josenilda, liderança do MDF, cuja organização carrega o termo “favelado” em seu título, contou em certa ocasião que o movimento, desde sua fundação, depara-se com diversas

⁵Parte das discussões presentes neste artigo são oriundas da dissertação de mestrado “Nas tramas da política: uma etnografia da ação coletiva na Favela de Vila Prudente”.



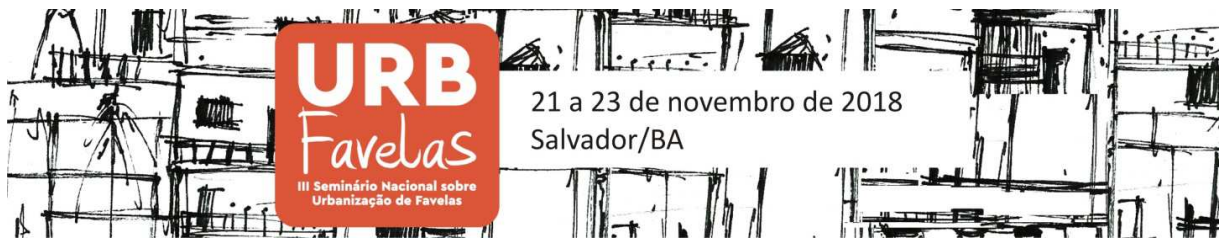
reações dos moradores de favela. O discurso em torno do uso da categoria “favelado” é assim explicitado entre as lideranças do movimento:

A gente sempre chega lá e tenta explicar o porquê é *favela*, *favelado*. Toda história que vem de Canudos, da planta favela. Sabe, pra mostrar que tem uma história por trás, a história de nossos pais e parentes que chegaram aqui... mas é isso, a gente demora um tempo para explicar tudo isso e as pessoas têm que estar dispostas a ouvir. Nesse caso das mulheres, não teve nem conversa, fomos embora. [Relato de Josenilda, liderança do MDF e moradora da favela – 12/04/2015]

De hostilidades e repulsa diante do acionamento do termo, como assim se comportaram as moradoras de uma favela ao fortalecimento de uma identidade que criaria uma união em torno daqueles que compartilhariam de uma mesma história marcada por suas condições sociais e de moradia na cidade. Nesse *modus operandi* de *fazer política* do MDF, a construção de uma representação e um imaginário social sobre a favela que reforce uma identidade coletiva mostra-se relevante e faz-se presente no discurso de suas lideranças.

A história do surgimento dos primeiros núcleos de favela, conforme conta Valladares (2005) sobre a “descoberta da favela e seu mito de origem”, está intrinsecamente relacionada com o fim da campanha de Canudos e a volta dos soldados para a cidade do Rio de Janeiro; associada às políticas higienistas cariocas que vigoravam na época e que levaram ao fechamento do famoso cortiço Cabeça de Porco. Do mito de sua origem em terras cariocas aos dias atuais sucederam mais de cem anos, assim como lembrado na coletânea de artigos organizada por Zaluar e Alvito (2006) que retrata várias dimensões e transformações ao longo desse “um século de favela”. Sob essa linha do tempo, Oliveira e Marcier (2006) mostram como a palavra “favela” esteve presente em diversas músicas populares brasileiras, sempre representando e tematizando casos de conflitos, preconceitos, estigmas, resistência e vitalidade.

PasternakTaschner (2016) identifica que muitos “mitos” vêm permeando a reflexão intelectual sobre a *favela* e os *favelados*, constituindo também parte do senso comum sobre o assunto. Como discorre a autora, “a favela encarna uma alteridade nefasta, grupo de malfeitores, tecido urbano mal construído e contaminado, como também um segmento urbano iluminado, redentor, sede de pobres que irão consagrar período de igualdade e justiça”



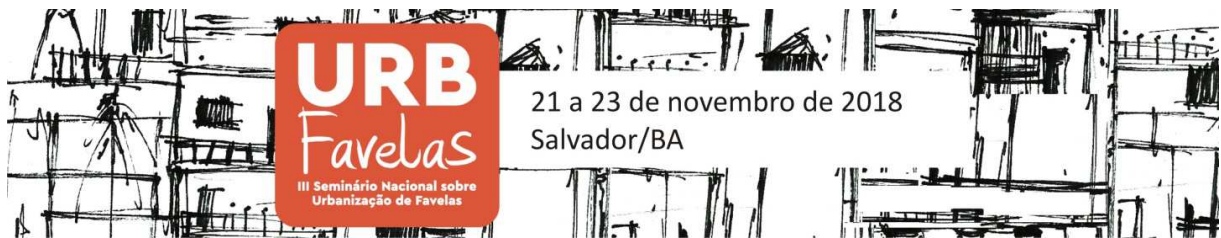
(PASTERNAK, 2016, p. 96). Sob o espectro de bandidos ou de heróis, os *favelados* lidam cotidianamente com essas representações e imaginários sociais que os rodeiam.

Segundo Freire (2008), com o passar do tempo o termo *favela* assumiu um caráter depreciativo. Em sua pesquisa na Favela do Acari, a autora vê, ainda, no discurso de um líder comunitário a argumentação de que o termo deveria ser excluído do vocabulário da população e o entrevistado justifica tal afirmação dizendo que o termo *favela* é pejorativo. No geral, Freire notou que:

Para ele e muitos outros moradores com os quais interagi, são o estilo de vida e o comportamento das pessoas, principalmente nos espaços públicos, que atribuem o caráter de “favela” ao local e o status negativo de “favelados” à sua população. Entre os moradores, a categoria “favelado” possui diferentes significados, mas sua enunciação evoca sempre comportamentos percebidos como moralmente inferiores, associados ou não, como ser mal-educado, falar palavrões, andar malvestido ou sujo, consumir drogas, prostituir-se, mendigar, ser desonesto, brigar na rua, roubar, enfim, “praticar tudo de errado”. (FREIRE, 2008, p. 106)

Nota-se aqui uma concepção moral dos termos *favela* e *favelado*, associada ao estigma e preconceito históricos em relação a esses espaços urbanos e a seus habitantes. Certamente, essa concepção socialmente construída ainda pauta e justifica a intervenção estatal e, sobretudo, das forças policiais nesses espaços. Por outro lado, lideranças da favela veem nessas categorias um meio de se legitimarem e projetarem em diferentes esferas da política, seja ela na favela ou em espaços institucionais. Algumas situações e relatos de campo oriundos da pesquisa de mestrado já mencionada em nota ilustram essa apropriação desses diversos atores.

Durante uma das exposições audiovisuais do Projeto EcoCineFavela, conversava com Cristiano explicando-lhe que gostaria de entrevistá-lo para compreender melhor suas visões sobre a favela e etc. O jovem haviachamado a atenção por utilizar corriqueiramente a expressão “sou favela” em suas redes sociais e autodenominar-se *favelado*. Ao término da exibição, enquanto limpávamos o Centro Pastoral, Cristiano dirige-se a uma jovem do coletivo, “Ó, essa aí é uma que não gosta de se dizer *favelada*, quer ver? Luana, você é ou não é *favelada*?”. A jovem dá uma risada tímida e não responde. Cristiano volta-se para mim com uma risada de satisfação e certo ar de superioridade, “viu, não é qualquer um que assume



assim”. Com certo desconforto da situação dirijo-me à garota, “nós estávamos conversando lá fora sobre essa coisa de se dizer *favelado*, sei que não é fácil ou que todo mundo assim faz”. Luana responde ainda tímida, como se tentasse se explicar, “é que é complicado, né. Essa coisa de falar que é *favela*, *favelado*, todo mundo vê como algo ruim, com muita coisa que não é boa”. Cristiano ainda chegou a brincar com a jovem ao final, “você tem que falar assim, nós é *favelado* mas é limpinho (risos)”.

Maria Rita, moradora da favela e educadora do CCVP, também contou um caso que vivenciou sobre as representações em torno dessas categorias. No último ano do colegial, a então jovem estudava num colégio público do bairro vizinho e durante uma aula citou que poderiam fazer o trabalho de biologia na favela em que ela morava. Maria Rita conta que muitos deixaram de falar com ela, enquanto outros diziam-lhe que não acreditavam que ela era *favelada*, pois não teria “cara” de *favelada*. De pele branca e cabelos loiros, Maria Rita os questionou sobre o que seria esse estereótipo de *favelada*, “eu tenho que andar como? De roupa rasgada, descalça e nariz escorrendo?”. Hoje em dia, a educadora faz questão de se autodenominar *favelada* e de contar a história sobre o surgimento das favelas a quem a questiona.

Tendo ambos participado da igreja São José Operário e do MDF, os casos de Cristiano e Maria Rita são emblemáticos para se compreender como se dão essas formas de autodenominação e identificação com as categorias aqui trabalhadas. Retomando a situação de Josenilda e do MDF com as moradoras de outra favela, nota-se que as lideranças e educadores ligados a essa organização possuem uma experiência e inserção distintas dos demais moradores da favela e de Luana, por exemplo. Os próprios ensinamentos religiosos que marcam as matrizes da Teologia da Libertação, na qual a igreja da favela está fundamentada, proporcionariam a essas lideranças uma nova perspectiva sobre as noções de pobreza e estigma que circundariam o termo *favela*.

Nessas situações retratadas percebe-se que reconhecer-se e autodenominar-se como *favelado* também passa por um processo de formação, trajetória e de contato com experiências e atores que lhes proporcionariam ver, em meio a essas redes e espaços, a categoria *favelado* mais como uma forma de identificação política, do que como uma

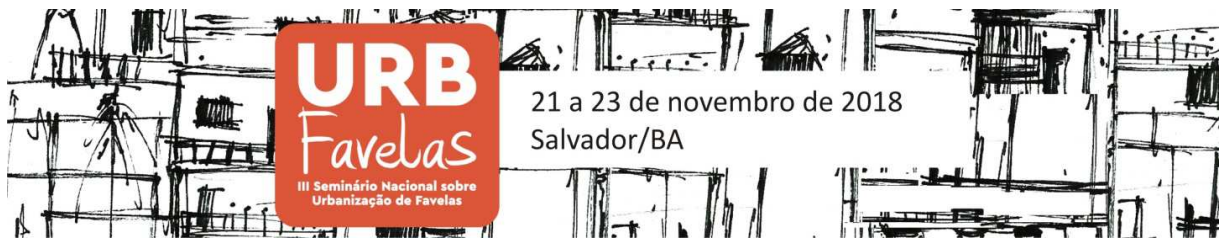


identidade fixa, como assim identificou Aderaldo (2013) sobre os usos do termo *periferia* entre seus interlocutores. Porém, o processo de fortalecimento da identidade do *favelado* seria inerente e favoreceria novas possibilidades do agir político de grupos e organizações identificados como sendo da *favela*. Seja na relação com entes do Poder Público ou com lideranças do bairro de Vila Prudente, o uso da identidade de *faveladoviria* a demarcar a alteridade e singularidade das demandas e questões que afetariam esse grupo específico.

Nesse sentido, para essas lideranças, deve-se desconstruir estereótipos negativos sobre o *favelado*, seja confrontando essas noções depreciativas ou rechaçando em tom de chacota tais concepções. Esse confronto com as representações negativas sobre a favela teria mais permeabilidade entre os demais moradores da favela do que a autodenominação. Como assim contou outro jovem do EcoInformação, esse não se assumiria *favelado* porque sabia que o estigma de seu local de moradia lhe restringiria ofertas de trabalho, “mas deixa falar mal de qualquer coisa de *favela* na minha frente que eu viro um bicho”, reforçou o jovem. Nas reuniões convocadas pelo MDF também não era difícil ver que a maioria dos moradores assumiam ali, mesmo que momentaneamente, o uso dos termos *favela* e *favelado* nas suas falas. Freire (2008), semelhante a isso, percebeu que os moradores de Acari se consideravam *favelados* apenas enquanto dentro da favela, quando fora dela apresentavam-se de forma diferente.

Uma outra denominação bastante utilizada pelos moradores e algumas lideranças para referir-se ao território da favela era *comunidade*. Esses identificavam-se como *moradores da comunidade de Vila Prudente*. Birman (2008) ao observar o contexto carioca, então aponta o uso do termo *comunidade* como forma de minimizar ou reduzir o estigma sofrido por aqueles que residiriam nas regiões tidas como *favelas*. Considerando a reflexividade que essas categorias, operacionalizadas principalmente pela mídia e o Estado, tiveram em meio aos moradores das favelas, pode-se identificar também outros sentidos e apropriações por esses atores.

Wilsinho, da Associação, e Júlio, do blog Vozes da Vila Prudente são algumas das lideranças que fazem uso do termo *comunidades*, sendo que Júlio não o usa de forma exclusiva e assim elabora sua argumentação:



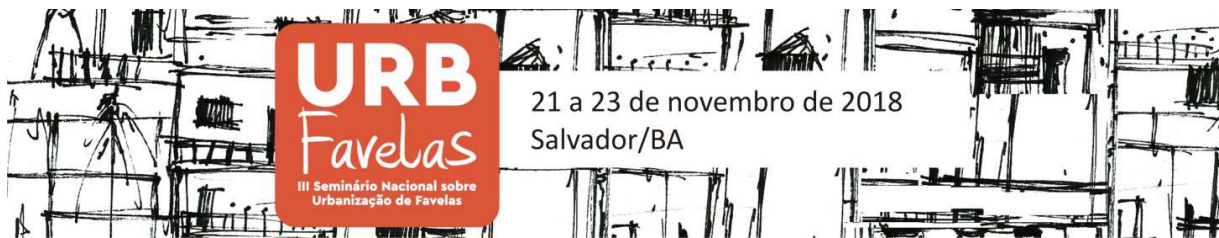
Comunidade é qualquer lugar que envolva uma aglomeração de pessoas interagindo ou convivendo juntas, essa é a ideia. De *favela*, é aquele lugar que a maioria vê como um lugar que só tem crime, que falta muitas políticas públicas, os moradores de *favela* são vistos também com estigmas. Então para mim a diferença de *favela* e *comunidade* é mais subjetiva... Se você vai para o Rio você dificilmente vai ver alguém falar que é da *favela*, é mais o termo *comunidade*. Então é algo mais regional também. Eu uso os dois termos, não tenho problema, mas já fui hostilizado pela polícia por usar o termo *favela*. (...) Quando eu fui abordado com uns 16 anos, falei que morava na *favela* e o policial me deu um safanão ‘que *favela* o quê moleque, você mora na *comunidade*’. [Entrevista com Júlio, morador e redator-chefe do Blog Vozes de Vila Prudente - 01/08/2015]

Júlio, em forte conexão com outras lideranças jovens das favelas, ou comunidades, do Rio de Janeiro, inicialmente, utilizava o termo *comunidades* no título de seu blog “Vozes das Comunidades de Vila Prudente”. A retirada do termo, segundo o jovem, seria para também contemplar notícias que envolviam o bairro e extrapolavam essas localidades. Júlio mostra compreender as concepções e estigmas que norteiam as categorias em questão e seus usos. Na situação da abordagem policial, a repreensão do agente público perante a enunciação do jovem como morador da *favela* demonstra, assim como aponta Goffman (1982), que o estigma está relacionado com a existência de expectativas que norteiam as relações sociais. Como agentes do Estado, atuantes na área de segurança pública, os policiais tenderiam a renegar o termo *favela* pois, para eles, esse estaria atrelado de significados relacionados à criminalidade. Ao impor ao jovem o uso do termo *comunidade* estaria aqui uma clara tentativa de tornar “dócil” esse espaço, revertendo certa identidade social que já estaria carregada de estigmas.

Nas conversas com Wilsinho, presidente da Associação, suas interpretações acerca do termo estão relacionadas com as transformações que esse território teria sofrido ao longo do tempo.

Hoje a gente tem água encanada, esgoto, poucos barracos de madeira. Então aquilo que a ideia de *favela* tem, aqui não existe mais. São outros tempos, por isso eu falo que aqui é uma *comunidade* agora, certo?. [Entrevista de Wilsinho, presidente da Associação de Moradores – 03/09/2015]

Do aumento de casas de alvenaria à ampliação do serviço de saneamento básico na Favela de Vila Prudente, para Wilsinho isso implicaria na constituição de um novo espaço, distinto daquele marcado por barracos de madeiras que esteticamente constituiria uma *favela*. O presidente ainda diz utilizar o termo *favela*, “mas mais por costume, porque eu considero aqui uma *comunidade*. Já pensei até em mudar o nome da Sociedade, mas seria muita burocracia”, conta. Wilsinho considera então que o termo está mais associado com



determinada estética urbana do que com uma noção de identidade social ou identificação política. “Eu sempre falo aqui, vocês são moradores de uma *comunidade* que tem muita coisa, muita coisa que a própria Associação conquistou”. Dessa forma, alterar o nome da Sociedade Amigos da Favela de Vila Prudente seria apenas acompanhar as mudanças de nomenclatura do espaço urbano e de “encaixar-se” nas referências utilizadas pelos agentes do Estado. Nesses novos tempos, a Associação também vivenciaria uma mudança de sua atuação, uma vez que, para o presidente, dadas as conquistas sociais já alcançadas, as demandas para aquele território agora seriam outras.

Na contramão dessa leitura de Wilsinho, Josué critica justamente o fato que o uso do termo *comunidade* seria imbuído de uma tentativa de “despolitizar” aquele espaço urbano e as necessidades de seus moradores.

Eu sempre digo que temos que deixar um negócio bem claro aqui, quando a gente fala *favela* a gente tá falando de um processo histórico, de uma *luta* histórica. Porque essa coisa de *comunidade* é invenção de novela da Globo, de Luciano Huck, de tentar criar algo mais ‘bonitinho’. [Fala de Josué durante gravação do “Papo Prudente”, Caderno de Campo - 08/06/2014]

Como expressa a fala de Josué, a categoria *comunidade* parece evocar, tanto para a sociedade, quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica viável de sobrepor a noção de *favela*. Para essa liderança, a própria mídia buscava produzir uma imagem pública positiva, desvinculada do estigma homogeneizante já incutido na própria noção de favela. Birman (2008), assim, reitera que o uso eufemístico do termo *comunidade* não confronta, todavia, o estigma, mas apenas indica uma relação de cortesia, necessária, no curso das trocas sociais que se passam com aqueles que não podem se desfazer de suas marcas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas elaborações e apropriações desses interlocutores, em vez de considerar *favela*, *favelado* e *comunidade* como categorias estáticas, é importante compreender a forma como essas são operacionalizadas pelos atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais e em determinadas situações. Ser ou não *favela* perpassa, então, por habilidosas negociações entre moradores,



lideranças e agentes externos a esses territórios. Estes termos também flutuam por outras dimensões simbólicas e, portanto, não são rígidos ou estáveis, mas transmudam por sentidos diversos, dependendo das relações e forças em jogo.

Dessa forma, *fazer política* na favela pode ganhar distintas chaves de entendimento e de interpretações nativas, fazendo com que referências das mais diversas sejam mobilizadas pelos diferentes atores que vivem e circulam nesse território. *Fazer política* na favela, ou o que se entende como sendo inerente a ela, neste contexto específico, é então compreendida e, muitas vezes, ressemantizada quando articulada com diversas esferas que operam no cotidiano da favela e com as experiências vivenciadas por seus moradores. Entre estas estão: as relações de vicinalidade, os laços de parentesco, a religião, a circulação entre redes sociais e até as práticas de lazer existentes na favela.

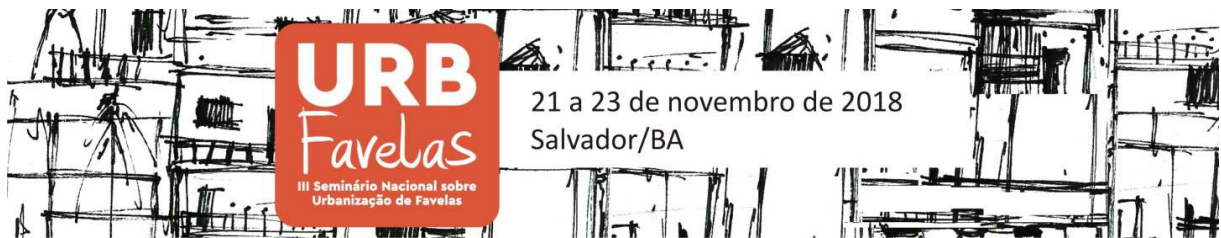
Para isso, é estritamente necessário passar a encarar as práticas nativas (discursivas e não discursivas) sobre os processos políticos dominantes como verdadeiras teorias políticas produzidas por observadores suficientemente deslocados em relação ao objeto para produzir visões realmente alternativas, e usar essas práticas e teorias como guias para a análise antropológica. (GOLDMAN, 2006, p. 37-38)

Os discursos e práticas aqui apresentados mostram que há uma multiplicidade dos sentidos políticos que a favela pode assumir, e para compreendê-los é necessário perceber as séries de relações que os permeiam. A memória e os processos de interpelação dessa ganham uma função estratégica nas formas de *fazer política* na favela e em como enquadrá-la num universo semântico que coloque seus sujeitos de maneira proeminente nos debates e espaços públicos de debate, seja demarcando “ausências” ou ressaltando suas “potências”.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Guilherme. *Reinventando a cidade: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). FFLCH-USP, 2013.

BIRMAN, Patricia. *Favela é comunidade?* In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio (org). *Vida sob cerco: Violência e Rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



BOBADILLA, Kassia Beatriz. *“Com um pé na favela e outro na política”*: trajetória e atuação de lideranças comunitárias da Favela de Vila Prudente. Monografia. (Especialização em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas). FESPSP. São Paulo, 2014.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004

_____. *Origens da habitação social no Brasil*. In: Revista Análise Social. São Paulo, v. 29, 1994.

CABANES, Robert; TELLES, Vera (org). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CALDEIRA, Tereza Pires. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. SP, Cia das Letras, 2006.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. 1: Artes de fazer*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2013.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz popular*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1995.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FREIRE, Letícia de Luna. *“Em nome da comunidade” o papel das associações de moradores no processo de implantação de uma política urbana em uma favela do Rio de Janeiro*. In: CEFAL, Daniel et al (org). *Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011.

_____. *Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados*. In: Dilemas, v.1, n. 2, pp. 95-114, 2008.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Desvelar a política na periferia: história de movimentos sociais em São Paulo*. São Paulo: Editorial Humanitas, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

GOLDMAN, Marcio. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.



HOBSBAWM, Eric. “Introdução” In: HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LARA, Fernão Lopes Ginez de. *Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a Favela do Vergueiro*. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFLCH-USP, 2012.

MAYOL, Pierre. *Morar*. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Jane Souto de; MARCIER, Maria Hortense. “A palavra é: favela”. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs). Um século de favela. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PATERNIANI, Stella Zagatto. *Política, fabulação e a ocupação Mauá: etnografia de uma experiência*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). IFCH-UNICAMP, 2013.

PASTERNAK TASCHNER, Suzana. Favelas: fatos e boatos. In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR., Heitor (org). Pluralidade urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: FAPESP, 2016.

_____. Favelas em São Paulo, censos, consensos e contrasensos. Cadernos Metrôpole. São Paulo: Educ, n. 5., 2001.

PINA-CABRAL, João de; GODOI, Emilia Pietrafesa. *Apresentação – Vicinidades e Casas Partíveis*. In: Revista de Antropologia. v. 57, nº 2, ano 13. São Paulo, USP, 2014.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena - experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

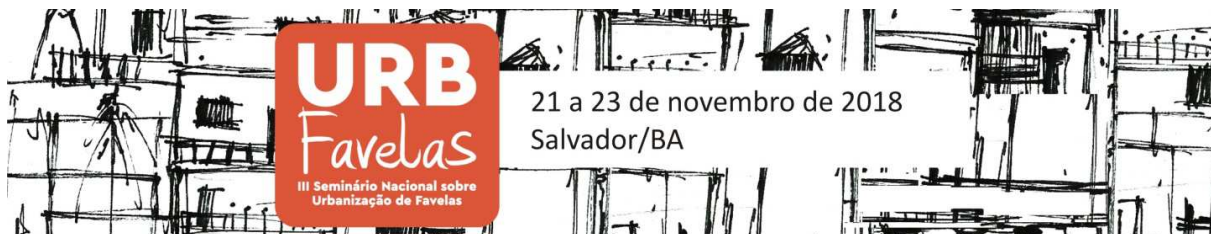
TELLES, Vera. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.
_____. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: CABANES, Robert; TELLES, Vera (org). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Sites Consultados

ACERVO DA FOLHA - <http://acervo.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 21 de out. 2014.

Materiais audiovisuais consultados:



“DOC Sou Favela”. Produção: EcoInformação. Roteiro: Cristiano Cardoso e Kassia Bobadilla. 110 min, 2015.

Prévia Documentário História da Favela da Vila Prudente. Produção: EcoInformação. 8 min, 2013.